

## A dualidade da representação de Ramsés II e dos hititas na Estela de Casamento – A relação do Egito com o reino de Hatti no século XIII a.C.<sup>1</sup>

André Shinity Kawaminami \*

**Resumo:** Durante o período inicial da 19ª Dinastia egípcia, a relação dos faraós com o reino de Hatti era conflituosa, resultando em diversos conflitos militares pelo controle da região da Síria-Palestina. Após a Batalha de Kadesh e o Tratado Eterno, os dois reinos firmaram uma relação de paz, consolidada posteriormente com um casamento entre Ramsés II e uma princesa hitita. A estela conhecida como a “Estela de Casamento”, encontrada em Abu Simbel, nos permite uma análise deste evento e sobre como a representação faraônica nela procura manter a visão cultural de supremacia egípcia diante do exterior. Ao mesmo tempo, ela busca conciliá-la com o acordo igualitário realizado com o rei hitita Hattusili III.<sup>2</sup>

**Palavras-chave:** Egito Antigo; Casamento Interdinástico; Hititas; Estela de Casamento; Antigo Oriente Próximo.

As relações entre o Egito Antigo e o reino de Hatti ao longo da 19ª Dinastia egípcia (1295-1186 a.C.)<sup>3</sup> se iniciaram de forma conflituosa. Os dois reinos buscavam controlar a

---

<sup>1</sup> A temática deste artigo integra a pesquisa de Iniciação Científica financiada pela FAPESP (Nº Processo:

\* Graduando em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH – USP). E-mail para contato: shinity02@gmail.com.

<sup>2</sup> Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela bolsa concedida de Iniciação Científica (Nº Processo: 2016/22412-7) e pela Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (Nº Processo: 2018/11390-8), as quais possibilitaram a confecção deste artigo; ao meu orientador, Prof. Dr. Marcelo Rede, pela constante dedicação e maestria no ensino da investigação histórica; ao egiptólogo Prof. Dr. Damien Agut, pelo acolhimento, orientação e aprendizados muito significativos na área dos estudos da Egiptologia; aos membros e professores do Laboratório do Antigo Oriente Próximo da Universidade de São Paulo (LAOP – USP), em especial ao Dr. Leandro Ranieri, ao mestrando Rafael Pires e a mestre Anita Fattori, pela constante atenção, discussão e conselhos na trajetória dos estudos acadêmicos em História do Egito Antigo e do Antigo Oriente Próximo.

<sup>3</sup> Todas as cronologias referentes ao Egito e reinados faraônicos foram retiradas da obra de Ian Shaw, *The Oxford*

região da Síria-Palestina, uma vez que ela era central para o comércio e para a manutenção da política exterior dos dois reinos. É durante o reinado do faraó Ramsés II (1279-1213 a.C.) que as relações com os hititas passaram de belicosas para pacíficas: após a Batalha de Kadesh estabeleceu-se um acordo de paz conhecido como “Tratado Eterno”, no qual os dois reis se reconheciam como iguais, definiam seus territórios e acordavam com uma defesa mútua em caso de invasões externas.

Esta nova aliança foi posteriormente consolidada no 34º ano de reinado de Ramsés II, quando ele se casa com uma princesa hitita, filha do rei Hattusili III. A representação egípcia deste matrimônio é encontrada em algumas estelas, sendo a mais bem preservada entre elas a chamada “Estela de Casamento”, encontrada no templo de Abu Simbel. Nesta estela, o faraó representou o rei hitita de maneira não igualitária, influenciado pela concepção de superioridade egípcia (na qual os reinos estrangeiros eram considerados como inferiores em relação ao Egito por representarem as forças do caos) e se contradizia com a concepção de irmandade pressuposta entre eles na negociação deste casamento. A partir da análise de discurso e da análise iconográfica da estela, este artigo tem como objetivo investigar a *dualidade* da representação do faraó e dos hititas sobre este evento e a tentativa de manutenção e adaptação da visão de supremacia egípcia no que se refere ao exterior diante de um acordo igualitário entre os dois reinos estabelecido previamente.

### **1. Dos conflitos ao tratado de paz - As relações entre Egito e Hatti nos séculos XIV-XIII a.C.**

O contato entre egípcios e hititas antes da 19ª Dinastia egípcia oscilou entre aproximações comerciais, diplomáticas e disputas territoriais. Durante a 18ª Dinastia, Amenhotep III (1390-1352 a.C.) e Akhenaton (1352-1336 a.C.) haviam estabelecido uma relação de igualdade com o reino de Hatti, a qual conhecemos pelas cartas de Amarna, que foram encontradas em 1887, no sítio de Tell el-Amarna, no Egito. São cerca de 400 cartas

---

*History of Ancient Egypt* (SHAW, 2000, pp. 480-489). Já as referentes aos reinados hititas foram retiradas da obra de Trevor Bryce, *The Kingdom of the Hittites* (BRYCE, 2005, p. xv).

A *dualidade* da representação de Ramsés II e dos hititas na Estela de Casamento – A relação do Egito com o reino de Hatti no século XIII a.C

escritas em tabletes, em cuneiforme na língua acadiana, que datam da segunda metade do século XIV a.C. e representam parte da correspondência egípcia com reinos aliados e reinos subalternos no Antigo Oriente Próximo (PFOH, 2016, p.30). Nestas correspondências, os chamados “Grandes Reis” estabeleceram uma aliança (em teoria, entre iguais) em irmandade e trocavam presentes, além de, por vezes, negociarem acordos matrimoniais. Faziam parte desta aliança os reinos do Egito, Babilônia, Assíria, Mitani e Hatti (RAINEY, 2015, *passim*).

A negociação dos casamentos interdinásticos (ou diplomáticos) foi uma prática repleta de tensões e conflitos entre os reis envolvidos nela. Esta prática representava uma consolidação da irmandade e da relação igualitária entre dois reis e permitia o envio de presentes e bens ligados ao dote e contra-dote do matrimônio. Nesse contexto, os Grandes Reis do Antigo Oriente Próximo enviavam algumas de suas filhas em casamento para o faraó que, em contrapartida, não enviava uma princesa egípcia em matrimônio para esses reis, o que gerou conflitos e questionamentos aos reis egípcios envolvidos.

Para os faraós, não enviar uma de suas princesas em casamento representava uma perspectiva cultural de superioridade frente aos reinos estrangeiros (frequentemente representados nas fontes egípcias como o caos), uma vez que, caso uma filha do faraó se casasse com um rei que não fosse egípcio, isto seria uma representação do Egito submetido ao caos, a um reino considerado inferior. Isso traria diversas implicações do ponto de vista faraônico, como a possibilidade de uma reclamação do trono do Egito por um possível herdeiro, fruto de um matrimônio diplomático, assim como do ponto de vista cultural dos egípcios. Apesar da unilateralidade desse posicionamento e das constantes discussões nas negociações matrimoniais, os Grandes Reis enviavam, mesmo assim, suas filhas em casamento para Amenhotep III e Akhenaton, provavelmente devido a grande quantidade de ouro (material escasso na região da Mesopotâmia e da Anatólia) que os faraós enviavam como presentes matrimoniais e como contra-dote.

Durante o reinado de Tutankhamon (c. 1336-1327 a.C.), os egípcios passaram a estar em confronto militar com o reino de Hatti na região norte da Síria. Com a queda do reino de Mitani pelos hititas pouco antes do reinado deste faraó, alguns territórios subordinados ao rei egípcio tentaram estabelecer um estado independente. Segundo Van Dijk, isso teria feito o Egito perder algumas de suas posses e a tentativa de alcançar um novo equilíbrio de poder por parte de Tutankhamon provavelmente não obteve sucesso (VAN DIJK, 2000, p. 282).

Os eventos e as causas relacionadas à morte desse faraó não são claros. O rei morreu por volta de seu décimo ano de reinado, em uma época em que o Egito estava engajado em um importante confronto com os hititas, que acabou com a derrota egípcia em Amqa. Ay, vizir de Tutankhamon, foi o responsável por conduzir os procedimentos funerários do faraó e, assim, assumiu o trono egípcio (*Ibidem*, p. 283), já que Tutankhamon aparentemente não havia deixado herdeiros.

Foi durante esse período que a sua viúva, Ankhesenamun, teria decidido pedir em casamento ao rei hitita, Shuppiluliuma (c. 1350-1322 a.C.), um de seus filhos para ocupar o trono egípcio. Apesar de inicialmente relutante, o rei de Hatti enviou um de seus filhos ao Egito, Zannanza, que morreu no caminho. Há autores que levantam a hipótese de que o príncipe hitita poderia ter sido assassinado pelas forças egípcias leais ao general Horemheb, na Síria (*Ibidem*, p. 284). Entretanto, as motivações de Ankhesenamun para o pedido de um príncipe a Shuppiluliuma, assim como as causas da morte de Zannanza são pouco claras ao analisarmos as fontes sobre essa questão. É possível pensar que a rainha egípcia tivesse interesse em desestabilizar o rei de Hatti, já que naquela época os dois reinos estavam em conflito militar. Também é uma possibilidade que Ankhesenamun não quisesse que Ay ascendesse como faraó (uma vez que ele não pertencia à família real), e, portanto, buscou um príncipe estrangeiro, filho de um Grande Rei, para manter a realeza egípcia (mesmo que em parte estrangeira). De qualquer modo, é importante ressaltar a forte concepção de superioridade da corte egípcia frente os outros reinos do Antigo Oriente Próximo.

A *dualidade* da representação de Ramsés II e dos hititas na Estela de Casamento – A relação do Egito com o reino de Hatti no século XIII a.C

Shuppiluliuma, como vingança, invadiu alguns territórios egípcios na Síria, tomando prisioneiros e aumentando os conflitos políticos e militares entre Egito e Hatti e, assim, prolongando um estado de guerra (KITCHEN, 1982, p. 15). O faraó Ay (c. 1327-1323 a.C.), segundo uma carta fragmentada em cuneiforme, tentou estabelecer a paz com os hititas após o episódio da morte de Zannanza, sobre o qual ele nega a responsabilidade da corte egípcia neste acontecimento (VAN DIJK, 2000, p. 284).

Há poucas fontes que possibilitam delinear as políticas do reinado de Ay. Ele foi sucedido por Horemheb (c. 1323-1295 a.C.), faraó que manteve as disputas com os hititas por territórios no norte da Síria, que se prolongaram. Por volta do décimo ano de seu reinado, os egípcios parecem ter feito uma tentativa sem sucesso de reconquistar Kadesh e Amurru. O herdeiro apontado por Horemheb foi o vizir Pramesse, que assumiu o trono após a morte do faraó como Ramsés I (c. 1295-1186 a.C.), fundando a 19ª Dinastia (KITCHEN, 1982, p. 18). Durante seu curto reinado, seu filho Sety I (c. 1294-1279 a.C.) foi apontado como vizir, tornando-se faraó após a morte do pai. O reinado de Sety I foi marcado por algumas campanhas em Shasu, no sul da Palestina, perdendo alguns estados vassalos em decorrência de confrontos com os hititas (VAN DIJK, pp. 286-287).

Sety I, após sua morte, foi sucedido por seu filho e corregente, Ramsés II (c. 1279-1213 a.C.). Ele já era o chefe de comando do exército durante o reinado de Sety I e tentou seguir a política exterior do último faraó em restaurar o império egípcio na região da Síria (KITCHEN, 1982, p. 22). Ramsés II ficou conhecido por suas campanhas militares, por estabelecer um vasto programa de construções de templos e monumentos e por ter sido um dos faraós que teria reinado por mais tempo (aproximadamente 67 anos). Seu reinado também foi marcado pela famosa Batalha de Kadesh, o tratado de paz (“Tratado Eterno”) estabelecido com o reino de Hatti e o casamento com pelo menos uma princesa hitita.

Para tratar sobre a relação de Ramsés II com a corte do reino de Hatti, é necessário analisar o império hitita de maneira ampla, entendendo a sua consolidação no quadro

político do Antigo Oriente Próximo, suas características no tratamento com os reinos exteriores e a sua relação com o Egito.

O reino dos hititas (c. 1800-1200 a.C.), chamado de “Hatti” nos textos assírios, babilônicos e egípcios, possuía sua capital em Hattusa, localizada na região da Anatólia Central. De maneira geral, a história de Hatti se inicia a partir de um longo processo de unificação de cidades-estados rivais na região central da Anatólia. Foi com Hattusili I (c. 1620–1590 a.C.) que se deu a culminação desse processo, tornando-o rei dos hititas e estabelecendo a capital do reino em Hattusa. A partir deste momento, há uma expansão territorial com expedições militares para além de Hatti, o que ampliou o reino e estabeleceu o início do império hitita. Entretanto, essa ampliação foi perdendo coesão na medida em que seu avanço não era cauteloso e não acompanhava o ritmo de estabilização do núcleo central do império, constantemente abalado por disputas políticas internas pelo poder do reino (LIVERANI, 2016, pp. 362-363).

Os hititas tiveram um grande impacto no quadro internacional do Antigo Oriente Próximo. Hatti foi uma potência que lidou em um patamar de relativa igualdade com os reinos do Egito, Assíria e Babilônia. A realeza hitita soube manejar conquistas territoriais e militares, além de estabelecer negociações diplomáticas com os reinos próximos da Anatólia. Foi com o reinado de Shuppiluliuma I (c. 1350–1322 a.C.) que Hatti se projetou de forma mais consolidada nas relações internacionais do Oriente Próximo. Para além das conquistas militares creditadas a esse rei e a questão relacionada ao pedido de Ankhesanamun por um de seus herdeiros em casamento, Shuppiluliuma foi responsável por inserir, de fato, o cenário sírio-mesopotâmico nas ambições do império hitita e estabelecer um contato mais padronizado com o Egito e a Babilônia (*Ibidem*, p. 420). As conquistas desse rei mantiveram um relativo controle sobre a região da Síria, com alguns momentos de perdas territoriais para os egípcios e assírios.

A partir da 19ª Dinastia egípcia, houve um aumento das investidas e confrontos contra os territórios sob o poder dos hititas, sem um sucesso significativo que fosse capaz de alterar

A *dualidade* da representação de Ramsés II e dos hititas na Estela de Casamento – A relação do Egito com o reino de Hatti no século XIII a.C

o quadro de controle territorial de Hatti na região da Síria-Palestina. Foi somente com Ramsés II que houve um ponto de mudança com suas políticas expansionistas que acabaram culminando na batalha de Kadesh.

Durante o quarto ano do reinado de Ramsés II, o faraó realizou sua primeira campanha na Síria, conseguindo trazer Amurru de volta para o controle egípcio. Entretanto, o rei hitita Muwatalli II (c. 1295–1272 a.C.) investiu na reconquista desse território, assim como reforçou sua política externa na tentativa de se prevenir contra a perda de mais territórios para o faraó. No quinto ano de reinado, Ramsés II, com o intuito de estabelecer uma guerra direta com o exército hitita principal, ultrapassou a fronteira da região de Sile, o que culminou na famosa batalha de Kadesh (1275 a.C.) (VAN DIJK, 2000, p. 289).

Essa batalha é tida como uma das mais famosas, detalhadas e representadas nas fontes da Antiguidade de maneira geral. Ela se diferencia significativamente das outras batalhas travadas anteriormente entre Egito e Hatti, pois consistiu no confronto direto entre os principais exércitos de ambos os lados, e não apenas em uma investida militar comum. O conflito em Kadesh foi a culminação de uma longa competição entre os dois reinos e teve uma dimensão diferente dos outros conflitos do Período do Bronze Recente até então (MIEROOP, 2007, p. 36).

O desfecho da contenda foi provavelmente um empate, se não a derrota do rei egípcio. Ramsés teria recusado uma oferta de paz, mas os reis entraram em um acordo de trégua. Nos anos subsequentes, outros confrontos razoavelmente bem-sucedidos para os egípcios na Síria-Palestina ocorreram, mas os estados conquistados pelo faraó rapidamente voltavam à esfera de domínio hitita quando o exército egípcio deixava a região. No final da batalha como um todo, Ramsés II não conseguiu dominar Kadesh, nem mesmo o território de Amurru (VAN DIJK, 2000, pp. 289-290). Apesar do faraó não ter conseguido alcançar seus objetivos, as fontes egípcias retrataram o evento como uma grande vitória de Ramsés II sobre os hititas,

com cenas de batalha e inscrições reais que representam o conflito com a vantagem egípcia em diversos monumentos e templos ao longo do Egito.

Após a morte de Muwatalli II, houve uma separação política interna entre o norte e o sul de Hatti, o que gerou uma crise dinástica. Hattusili (irmão de Muwatalli) queria manter o controle sobre as possessões do norte do reino e desejava influenciar seu sobrinho, Urkhi-Teshub (c. 1272–1267 a.C.), filho e herdeiro de Muwatalli que assumiu o trono hitita. Segundo Liverani, Urkhi-Teshub tentou limitar o poder e influência de seu tio, que teria se rebelado e buscado o apoio de numerosos membros da corte e de vassalos distantes para usurpar o trono. Dessa forma, Hattusili enfrentou seu sobrinho e conseguiu tomar o trono de Hatti, assumindo-o como Hattusili III (c. 1267–1237 a.C.) e forçando o exílio de Urkhi-Teshub na Síria (e posteriormente no Egito, o que gerou consequências na relação entre os dois reinos) (LIVERANI, 2016, p. 425).

Com o novo rei governando Hatti, a relação dos hititas com os egípcios mudou se comparada com a postura conflituosa entre os dois reinos até então. Hattusili III possuía a preocupação em se legitimar no trono não apenas internamente ao seu império, mas também no que se refere aos reis do Oriente Próximo, uma vez que Urkhi-Teshub se encontrava vivo e exilado com a possibilidade de se aliar com forças externas e reclamar o trono. É nesse contexto que o rei hitita procura estabelecer uma nova relação com Ramsés II, diferente da conflituosa anterior. Com o intuito de se legitimar e de se manter no trono de forma segura, Hattusili III optou, então, por iniciar as negociações de paz com os egípcios, as quais levaram a um tratado formal no 21º ano de reinado do faraó (c. 1258 a.C.).

Esse tratado, também conhecido como “Tratado Eterno”, é um dos mais bem preservados da Antiguidade Próximo-Oriental e estabeleceu um novo equilíbrio de poder entre o Egito e Hatti. Os egípcios aceitaram a perda dos territórios de Kadesh e Amurru no tratado, trazendo uma estabilidade para a frente egípcia na região e abrindo as fronteiras comerciais para a região do Eufrates, Mar Negro e do leste de Aegan. O tratado também permitiu que o faraó se concentrasse na fronteira oeste do Egito, que sofria constante

A *dualidade* da representação de Ramsés II e dos hititas na Estela de Casamento – A relação do Egito com o reino de Hatti no século XIII a.C

pressão por invasores líbios, particularmente na região do Delta onde Ramsés construiu uma série de fortificações (VAN DIJK, 2000, p. 290).

Ainda sobre os ganhos dos egípcios pelo tratado, segundo Bryce, é possível que o aumento do poder assírio tenha sido um fator na decisão de Ramsés II em firmá-lo (apesar da Assíria não ter feito nenhuma ameaça direta aos territórios egípcios na Síria). O faraó pode ter visto o tratado como uma conquista significativa no quadro internacional que poderia reforçar sua imagem e poder entre seus subordinados e os outros reis asiáticos. Na falta de triunfos militares significativos naqueles anos, talvez o rei egípcio tivesse pensado o tratado como uma conquista diplomática e uma aliança com um inimigo poderoso e de longa data do Egito; ou seja, isso poderia servir como uma “propaganda” a favor do faraó (BRYCE, 2005, p. 277).

Era também acordado no Tratado Eterno que os dois reinos se aliariam para enfrentar possíveis ameaças externas. Cada reino formulou uma versão do tratado: o registro egípcio foi enviado para Hattusa e a versão hitita foi para Tebas, traduzida para o egípcio e inscrita sobre as paredes do templo de Amon, em Karnak. As duas cópias não são exatamente duplicatas, mas são muito semelhantes (MIEROOP, 2007, p. 126).

Para além do tratado em si, a política externa de Hattusili III marca uma mudança em relação à dos reis anteriores. Com as pretensões de manter sob controle os territórios do império diante dos ataques assírios e egípcios e de se projetar como legítimo rei de Hatti para os outros reis do Oriente Próximo (evitando, assim, apoios externos a Urkhi-Teshub em uma possível tentativa de reclamar o trono), Hattusili soube manejar sua política externa de forma a articular esses objetivos.

O Tratado Eterno possibilitou o reconhecimento entre o faraó e o rei hitita como iguais, estabelecendo uma igualdade formal entre eles. Ademais, o tratado abriu margem para a consolidação dessa nova relação entre os dois reinos na forma de um casamento

interdinástico, firmando as relações comerciais e diplomáticas entre duas das maiores potências do Período do Bronze Recente.

## **2. A negociação matrimonial entre Ramsés II e a rainha hitita Puduhepa**

Sobre as correspondências diplomáticas hititas, de maneira geral, os arquivos de Hattusa contam com cerca de 120 cartas, muitas em estado fragmentado. Elas datam do final do século XIV até o final do século XIII a.C., mas a maior parte delas veio do reinado de Hattusili III e de sua esposa, Puduhepa (isto é, do período de c. 1267-1209 a.C.). O grupo mais amplo e coerente consiste nas correspondências trocadas entre as cortes hitita e egípcia. Outras cartas incluem os reis e oficiais da Assíria, Babilônia, Alashiya e regiões subordinadas ao império de Hatti (MIEROOP, 2007, p. 110).

Hattusili III e Puduhepa mantiveram uma política de estabelecimento de casamentos interdinásticos tanto com reis estrangeiros como com reis subordinados ao império hitita. Sabemos pelas fontes que houve casamentos entre o reino de Hatti e Amurru, Babilônia, Egito e Isuwa. Esses matrimônios auxiliaram no reforço do reconhecimento de Hattusili como rei legítimo de Hatti por parte dos reis do Oriente Próximo e na consolidação das diversas negociações estabelecidas entre esses reis (BRYCE, 2005, p. 268).

Por volta do ano de 1246 a.C., a rainha Puduhepa iniciou as negociações diplomáticas com Ramsés II para o estabelecimento do casamento de uma princesa hitita com o faraó, como uma forma de consolidar o tratado de paz estabelecido entre os dois reinos anteriormente. Duas das cartas dessas negociações sobreviveram – uma em forma de rascunho (escrita em hitita) e outra escrita em acadiano. Ambas as cartas estão relativamente bem preservadas e foram encontradas em Hattusa, antiga capital do império hitita (MIEROOP, 2007, p. 223). Elas tratam dos arranjos do casamento, a providência do dote, o planejamento da viagem da princesa ao faraó, a expectativa de que ela se tornasse a rainha do Egito e a garantia de que os mensageiros reais e membros da família hitita poderiam visitá-la após o estabelecimento do matrimônio (BRYCE, 2005, p. 282). Uma das cartas teria sido enviada por

## A *dualidade* da representação de Ramsés II e dos hititas na Estela de Casamento – A relação do Egito com o reino de Hatti no século XIII a.C

Puduhepa para Ramsés II (o rascunho escrito em hitita), enquanto que a outra é uma réplica do faraó para a rainha hitita.

Esse casamento foi consolidado no 34º ano de reinado de Ramsés II (c. 1245 a.C.) e foram inscritos em estelas textos comemorativos a respeito desse evento. Essas estelas se encontram em Karnak, Elefantina, Aksha, Abu Simbel e Amara West (KITCHEN, 1982, p. 85). Uma delas, a localizada em Abu Simbel, é conhecida como a “Estela de Casamento” por se tratar da mais bem preservada entre elas. Ela conta com representações iconográficas do faraó, de Hattusili III e da princesa hitita, além de possuir textos escritos em língua egípcia sobre a ocasião (ou seja, o evento é expresso do ponto de vista egípcio).

### **3. As estelas egípcias comemorativas do casamento interdinástico**

É somente no reinado de Ramsés II que encontramos (pela primeira vez durante o Reino Novo, de maneira consistente e detalhada) fontes propriamente egípcias (no caso, principalmente as estelas comemorativas) que retratam a consolidação e comemoração de um casamento interdinástico. Elas permitem analisar os elementos culturais egípcios que constituíram a projeção da perspectiva faraônica na prática dos matrimônios diplomáticos, além de como se deram as representações dos hititas nessa condição.

A Estela de Casamento se encontra atualmente em Abu Simbel, associada ao Grande Templo de Ramsés II e seu corpo textual apresenta continuidades com os encontrados nas estelas em Elefantina, Aksha, Karnak e Amara West. Na Imagem 1, acima do texto principal em hieróglifo, temos a representação iconográfica de Ramsés II com os deuses Seth e Ptah-Tatenen e com a princesa e o rei hitita. O texto principal é constituído de uma série de adorações e exaltações do poder faraônico e de como se deu a relação e o casamento com a princesa hitita do ponto de vista egípcio:



Imagem 1: A Estela de Casamento (Abu Simbel)

As estelas comemorativas, de maneira geral, possuíam a função de registrar os feitos do faraó para a posteridade como uma forma de propaganda de seu reinado. Diferentemente das inscrições e estelas dedicatórias, as comemorativas nem sempre possuíam um forte teor religioso. Elas se encontravam geralmente dentro ou perto de templos, ainda que fosse muito comum que elas se encontrassem em outras circunstâncias (SETERS, 2008, p. 161).

Uma característica das inscrições comemorativas que se manteve durante a 19ª Dinastia e o reinado de Ramsés II é o registro de um determinado acontecimento como uma das

## A *dualidade* da representação de Ramsés II e dos hititas na Estela de Casamento – A relação do Egito com o reino de Hatti no século XIII a.C

maiores conquistas já registradas até então. Seters aponta Ramsés II como um dos faraós que mais exaltou suas próprias conquistas, gravando o seu nome nos monumentos de vários de seus antecessores. Também era comum os faraós, que se entendiam como um rei supremo e superior aos reis estrangeiros (que representavam o caos), deturparem a natureza das relações do Egito com outros reinos (*Ibidem*, p. 192).

O caso de Ramsés II com Hattusili III pode ser considerado um dos principais exemplos sobre a deturpação da relação do faraó com reinos externos. Mesmo após o Tratado Eterno e o acordo de igualdade entre os dois reis, o faraó continuou se representando como um conquistador dos hititas nos relevos de seus templos. Ao mesmo tempo, negociou com Puduhepa em um patamar de igualdade o casamento com uma princesa hitita, o qual foi representado na Estela de Casamento de forma divergente da acordada nas cartas dessa negociação matrimonial.

### **4. A análise de discurso e a análise iconográfica da estela**

Para o tratamento adequado da estela, são utilizados como método a análise de discurso e a análise iconográfica. A análise de discurso, segundo Silva, relativiza a língua como sistema abstrato, fechada nela mesma, e impõe-lhe a “ideia” de discurso, que é um objeto sócio-histórico e no qual está implícita a intervenção do linguístico. Esse método considera a história e a sociedade como independentes de suas significações e, dessa forma, busca compreender como o sujeito, atravessado pela ideologia de seu tempo, de seu lugar social, lança mão da língua para significar-se (SILVA, 2005, pp. 16-17).

Para esse tipo de análise, a linguagem não é transparente; ela procura detectar, então, em um texto como ele significa. O texto é detentor de uma materialidade simbólica própria e significativa. Portanto, com o estudo do discurso, pretende-se apreender “o homem falando”, além de procurar compreender a língua enquanto trabalho simbólico que faz e dá sentido. Assim, a análise de discurso tem como objetivo compreender como os objetos simbólicos

produzem sentidos. Ela não se limita a interpretação do texto; ela trabalha seus limites e seus mecanismos como parte dos processos de significação (ORLANDI, 1999, p. 26).

Não se limitando apenas a pura interpretação textual, a análise de discurso auxilia na compreensão do discurso em si, ou seja, em pensar nas suas condições de elaboração histórica, cultural e social e na elaboração de sua relação com os sentidos. Dessa forma, ela possibilita desnaturalizar o discurso de suas relações com a língua, consigo mesmo e com a história. Portanto, é possível compreender o modo como o sujeito elabora e/ou compreende a formulação do que se materializa no texto (ORLANDI, 2012, p. 14).

Ao considerar que a linguagem não é transparente, é possível ir além do próprio texto. A cultura e a perspectiva dos reis nem sempre aparecem nas fontes de forma explícita. Elas aparecem em conflitos e tensões, sendo necessário mais do que simplesmente interpretar os textos, e sim ir além deles mesmos e buscar como significam e como o discurso traz vestígios desses elementos, relacionando os sujeitos com a sua exterioridade e historicidade. Seguindo esse método, é possível evidenciar os dizeres com a exterioridade, ampliando o contexto de interpretação levando em consideração os elementos culturais, históricos e antropológicos do faraó.

Por meio desse método, podemos investigar a imagem sobre algo através do discurso. No caso deste artigo, a imagem do faraó pode ser investigada, ainda mais considerando que ela está em constante conflito de significação quando comparada com a de um rei estrangeiro.

Sobre a análise iconográfica, a análise de diferentes tipos de imagens foi e é feita de diversas maneiras pelas ciências humanas. Dentre elas, a iconográfica é uma das mais utilizadas, ainda que concebida e entendida de formas muitas vezes divergentes entre elas. No caso dessa pesquisa, é realizada uma análise iconográfica da Estela de Casamento levando em conta suas especificidades e contextos.

A *dualidade* da representação de Ramsés II e dos hititas na Estela de Casamento – A relação do Egito com o reino de Hatti no século XIII a.C

Os historiadores, durante muito tempo, utilizaram as imagens como simples ilustrações dos documentos textuais, considerando a longa tradição logocêntrica da disciplina História. Nessas ocasiões, as imagens eram utilizadas de forma descritiva e para ilustrar conclusões de uma análise textual, sem alguma crítica voltada para elas em si (BURKE, 2016, pp. 18-19). Entretanto, atualmente há uma tendência em não tratar as imagens dessa forma, e sim como documentos por si mesmas.

As imagens devem ser tratadas com o mesmo valor e atenção que uma fonte textual. Não apenas as imagens, mas outros tipos de fontes (a própria cultura material, por exemplo) podem ser tratados pelos historiadores como documentos tão importantes quanto os textuais e podem ser tomados como documentos históricos. Como qualquer outra fonte, as imagens possuem algumas limitações analíticas e o historiador (assim como qualquer estudioso de outra disciplina) deve estar atento às suas fragilidades. Mesmo tomando como referência a análise iconográfica, é necessário ressaltar que também não há exatamente um roteiro de análise a ser seguido estritamente, sendo o mais primordial indicar os percursos da análise, os objetivos, problemas históricos e as características e questões que são procuradas nela. As imagens também não devem ser consideradas apenas como um “documento visual”, limitada a análise iconográfica, apenas.

No caso deste artigo, a estela analisada consiste em um documento textual e visual. Sobre a complementaridade dos diferentes tipos de análise documental, não se espera necessariamente uma convergência entre elas. Ambos os tipos de fonte, visual e verbal, pertencem a diferentes sistemas de representação, o que implica na comunicação de informações e significados diferentes. Como destaca Meneses,

Basta lembrar que a imagem visual se realiza no espaço e fornece de imediato a totalidade de coisas, pessoas, eventos e suas relações; já a fonte verbal se realiza no tempo, acumulando unidades de informação em sequência, podendo explorar com mais eficácia relações temporais. A fonte escrita, por sua vez, faz jus a um acréscimo de especificidade por compartilhar algo de visualidade. Em suma, ambas as fontes desvendam aspectos diversos de um mesmo objeto de conhecimento. (MENESES, 2012, p. 253)

No caso da imagem da Estela de Casamento, é realizada uma análise primeiramente sobre o contexto em que ela se encontra, partindo para uma descrição dos seus elementos, assim como das suas possíveis representações simbólicas, seu contexto histórico de produção e o evento sobre o qual ela retrata, dialogando posteriormente com a análise de seu texto.

## **5. A representação de Ramsés II e da relação egípcia com o reino de Hatti**

A Estela de Casamento está localizada no lado esquerdo do pátio do Grande Templo de Ramsés II em Abu Simbel (Conf. “Imagem 2”). Por estar do lado externo do templo, é possível pressupor que a estela pudesse ser vista por qualquer pessoa que por ali passasse; caso a estela estivesse localizada no interior do templo, o acesso a ela seria mais restrito, limitado provavelmente apenas aos sacerdotes dali (exceto em determinados festivais). O templo está localizado na região da antiga Baixa Núbia, que fazia parte de um vasto programa de construções monumentais de Ramsés II, com exceção do país de Kush. Cerca de sete templos edificadas nessa região são atribuídos a este faraó (PETERS-DESTÉRACT, 2003, p. 19).

Os possíveis motivos dessas construções, assim como a exposição da própria estela, podem estar ligados a diversos fatores, como a demonstração do poder da realeza em uma região na qual os egípcios investiam em algumas tentativas de “colonização”; homenagem aos deuses; propaganda faraônica, dentre outras possibilidades. Considerando o contexto político e regional, o estabelecimento da estela em um local de visibilidade que atingiria um público relativamente diverso pode ser considerado uma forma de propaganda faraônica, na qual o casamento com a princesa hitita poderia ser visto como um tributo prestado ao rei egípcio por um reino poderoso como o de Hatti.

A *dualidade* da representação de Ramsés II e dos hititas na Estela de Casamento – A relação do Egito com o reino de Hatti no século XIII a.C

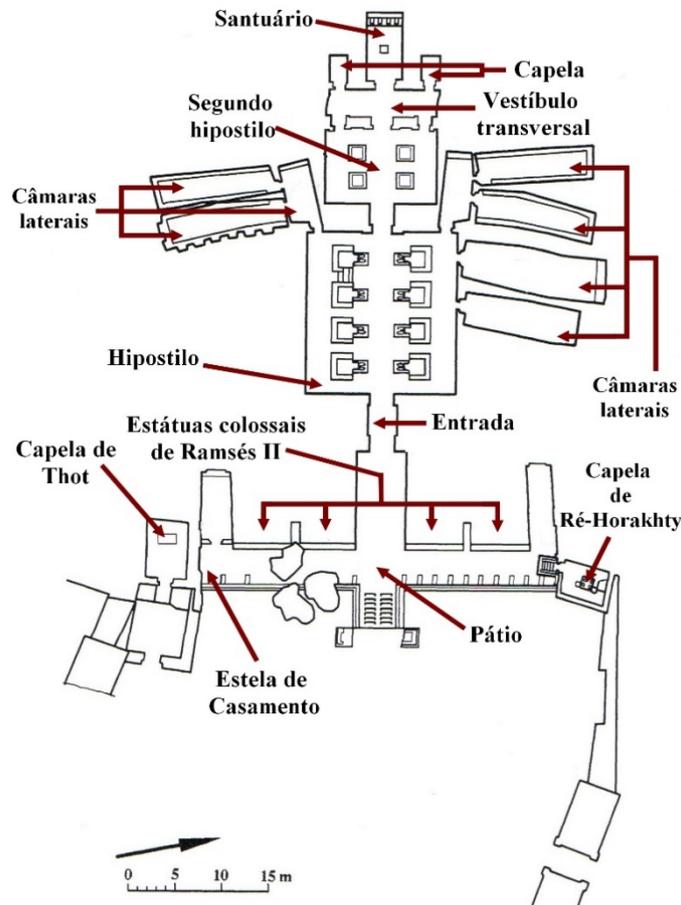


Imagem 2: Planta do Grande Templo de Ramsés II (Abu Simbel)

Podemos dividir a Estela de Casamento (Conf. “Imagem 1”), para fins de análise, em pelo menos três partes: o entablamento e as margens (parte superior da estela); a imagem central; e o texto principal. No entablamento e nas margens, há uma série de títulos reais faraônicos em referência a Ramsés II, como “Senhor das Duas Terras”<sup>4</sup>, “Filho de Ré” e “Amado de

<sup>4</sup> Título utilizado para fazer referência ao Alto e Baixo Egito.

Amun". A estela está coberta por uma cornija egípcia, decorada com dois cartuchos reais separados por três tiras verticais repetidas. Abaixo, há o disco solar alado por dois uraeus<sup>5</sup>, o Behedet.

Na imagem central, há uma tenda coberta por um friso de cobras protetoras (lado esquerdo da imagem) sob a qual repousa três personagens sentadas: no centro se encontra Ramsés II, portando a coroa de Tatenen. Ele possui em sua mão direita o cetro real (uma das insígnias faraônicas), enquanto que a sua mão esquerda está estendida em direção ao deus Ptah-Tatenen (à direita do rei), que o encara. Abaixo do trono do faraó, há o sema-taoui, representação da união do Alto e Baixo Egito (PETERS-DESTÉRACT, 2003, p. 377). À esquerda do faraó está o deus Seth, utilizando a Coroa Branca (que representava o Alto Egito) realizando um gesto de proteção em direção ao rei.

O faraó e os deuses recebem o rei e a princesa hitita, que estão de pé (lado direito da imagem). A princesa se aproxima da tenda, vestida à moda egípcia com uma peruca característica das rainhas do Egito. Em sua frente, há uma coluna de hieróglifos onde se encontra seu nome egípcio, Maat-Hor-Neferu-Ré (*M33t-Hr-Nfrw-R* , ), "Aquele que vê Hórus, o esplendor visível de Ré"), inscrito dentro de um cartucho real, e embaixo está o seu título de "Filha do Grande Governante de Hatti" (*s3t p3 wr 63 ny Ht* , ). Atrás da princesa, o rei hitita saúda Ramsés II com seus dois braços levantados, em sinal de adoração. A inscrição que acompanha Hattusili III pode ser interpretada como uma subordinação do reino de Hatti ao Egito:

Eu vim diante de ti para adorar tua beleza por subjugar os países estrangeiros.

<sup>5</sup> Serpente naja ou cobra, com o pescoço ereto. Ela é representada na frente das perucas reais, muitas vezes sobre a faixa frontal, e devia proteger a pessoa real e eliminar os inimigos (PETERS-DESTÉRACT, 2003, p. 379).

<sup>6</sup> A palavra *wr* pode significar "grande (pessoa)", "príncipe", "dignitário", "notável", "aquele que governa", "chefe de um país estrangeiro", e, após um nome próprio, "mais velho". Nessa passagem, podemos pensar *wr* como "aquele que governa", "chefe de um país estrangeiro", pois a palavra é acompanhada do termo , que significa "ser grande", "o grande", "grande em tamanho/duração/importância", "elevado", "eminente". Logo, o termo pode ser entendido como "o grande governante" (Conf. AL 1: 77.0958; AL 2: 78.1016; AL 1: 77.0558; AL 2: 78.0610; AL 3: 79.0412).

## A *dualidade* da representação de Ramsés II e dos hititas na Estela de Casamento – A relação do Egito com o reino de Hatti no século XIII a.C

Tu és verdadeiramente filho de Sutekh e ele decretou para ti a terra de Hatti. Eu me despojei de todos os meus bens, com minha filha mais velha diante deles para presenteá-los a ti. Bom é tudo aquilo que tu decretas para nós, embora eu esteja sob teus pés eternamente, (junto com) toda a terra de Hatti. Quando tu ascendes ao trono de Ré, toda terra está sob teus pés para sempre.<sup>7</sup> (KITCHEN, 1996, p. 87, tradução própria)

O início do texto principal consiste em uma série de adorações ao faraó, seus títulos reais, destaque para as riquezas do Egito e dos feitos do rei egípcio, assim como a dominação que ele teria exercido sobre os governantes estrangeiros. A exceção dessa dominação egípcia inicial é o reino de Hatti, o qual enfrentou Ramsés II. Diante deste posicionamento, a estela narra uma vitória militar de Ramsés II sobre os hititas, seguida de saques e da destruição do exército de Hatti (uma deformação da realidade histórica). Ignorando o Tratado Eterno estabelecido entre os dois reinos, Hattusili III oferece sua filha junto de outros itens para apaziguar o faraó:

|32| (...) Então ele fez sua filha ser trazida com magníficos presentes/tributos diante |33| dela, (consistindo) de ouro, prata e muito cobre, servos e cavalos sem limites, gado, cabras e ovelhas em dezenas de milhares – os presentes que eles trouxeram (para) o Rei do Alto e Baixo Egito, **User-Maat-Ra Setepenra**, Filho de Ré, **Ramsés II**, **Amado de Amun**, vida concedida; eram sem limites. Então al(gué)m veio para informar Sua Majestade, dizendo: ‘Contempla, o Grande Governante de Hatti |34| enviou sua filha mais velha com muitos presentes; eles cobriram a [estrada] com suas [chegadas], a princesa de Hatti e os grandes nobres da terra de Hatti carregando-os. (...)’<sup>8</sup> (DAVIES, 1997, pp. 136-137, tradução própria)

É necessário analisar alguns termos egípcios lexicograficamente para que possamos entender de forma mais contextualizada a mensagem que a estela transmite. Os egiptólogos

---

<sup>7</sup> No original: “I have come to you, I adore your beauty as Curber of the foreign countries. You are truly the Son of Sutekh; he has decreed for you the Hatti-land. I have divested myself of all my goods, with my eldest daughter at the head of them, to present them to your countenance. Good is all that you decree for us, (even as) I am under your feet eternally and forever, along with the entire Hatti-land. You have appeared upon the throne of Re, every land being under your feet forever.”

<sup>8</sup> No original: “Then he had his eldest daughter brought with august gifts before her, (consisting) of gold, silver and much copper, servants and horses without limit, cattle, goats and sheep by the tens of thousands – the gifts that they brought (for) the King of Upper and Lower Egypt, **Usermare Setepenre**, Son of Re, **Ramesses II**, **beloved of Amun**, given life, were without limit. Then (some)one came to inform His Majesty, saying: ‘Behold the great chief of Hatti has sent his eldest daughter with a great many gifts; they cover the [road] with their [coming], the Princess of Hatti and the great noblemen of the land of Hatti carrying them.’”

possuem uma certa tendência em traduzir a palavra *jnw*<sup>9</sup> (𓏏𓏏𓏏) como “presente” ou “tributo”. Entretanto, esta mesma palavra pode significar “contribuição”, “algo que é trazido”, “produtos”, “presentes” (que vêm do palácio ou presentes diplomáticos de países estrangeiros) e “tributos” (de países submissos) (GORDON, 1983, *passim*). No caso da estela, ao considerarmos seu texto como um todo, podemos pensar na palavra *jnw* como “tributo”, uma vez que Hatti aparece como um país estrangeiro rebelde que foi submetido ao poder faraônico. Entretanto, ainda é possível pensar na palavra como “presentes” ou mesmo como “algo que é trazido”, sem o tom ideológico das duas possibilidades anteriores, o que pode levar à interpretação de que o envio da princesa hitita em casamento não foi uma forma de tributo ao rei egípcio, e sim uma forma de consolidar a aliança entre os dois reinos (ainda que não de forma igualitária como pressuposta nas correspondências dessa negociação matrimonial, já que Hatti aparece como um país rebelde submetido às forças do rei egípcio). Portanto, as três interpretações são possíveis, ainda que a primeira seja mais plausível pelo contexto da estela.

A *dualidade* da representação do faraó, de sua relação com o reino de Hatti e no que se refere ao matrimônio também pode ser observada em outra passagem do texto. Ao analisarmos o restante do texto, há encaminhamento e a chegada da princesa hitita ao palácio, sendo ela apreciada em beleza pelo faraó e com a surpresa e submissão dos outros governantes estrangeiros diante desse evento. É durante o processo de viagem da princesa para a corte egípcia que os dois exércitos se encontram para escoltá-la em segurança. Neste momento, os hititas são representados de forma mais igualitária com os egípcios:

[39] (...) A filha do Grande Governante de Hatti viajou em direção ao Egito, a cavalaria e os nobres de Sua Majestade a seguiram – eles se misturaram com o exército e cavalaria de Hatti, [40] (...); e sua cavalaria e todas as pessoas da terra de Hatti se misturaram com o (povo do) Egito. Eles comeram e beberam juntos como um só, como irmãos, sem se desgostarem, em paz e irmandade entre cada um como o modo do próprio deus, (nomeadamente) o Rei do Alto e Baixo Egito, **User-Maat-Ra Setepenra**, Filho de Ré, Senhor das Coroas, [41]

<sup>9</sup> Conf. AL 1: 77.0319; AL 2: 78.0345; AL 3: 79.0241.

A *dualidade* da representação de Ramsés II e dos hititas na Estela de Casamento – A relação do Egito com o reino de Hatti no século XIII a.C

**Ramsés II, Amado de Amun**, vida concedida<sup>10</sup>. (DAVIES, 1997, pp. 138-139, tradução própria)

Nesse caso, os hititas são representados como um só com o Egito, como irmãos. Diferentemente dos outros povos subjugados citados no decorrer da estela, Hatti foi representado ora como um reino rebelde que se submeteu ao faraó, oferecendo itens e uma princesa em casamento, ora como um reino irmão, aliado e em relativa igualdade.

Além dos termos apresentados, há ainda outros que podem ser analisados de forma que permitem expor a *dualidade* da representação da estela. Nas cartas de Amarna, quando o faraó se casava com princesas estrangeiras, elas se tornavam esposas secundárias, mesmo que durante as negociações os reis exigissem que elas se tornassem a rainha do Egito, a esposa principal do faraó. No caso da filha de Hattusili III, o resultado foi diferente. Da mesma forma que nas cartas de Amarna, foi negociado o status de esposa principal para a princesa hitita. Sob circunstâncias políticas e igualitárias estabelecidas entre os dois reinos após conflitos territoriais de longa data e de grande amplitude (diferentemente no período das cartas de Amarna, no qual os reis estavam em relativa paz entre eles), a Estela de Casamento coloca Maat-Hor-Neferu-Ré como *hmt nswt*<sup>11</sup> (𓄎𓄏𓄐), título real para designar uma esposa do faraó, “esposa real”, “rainha”.

Essa situação é considerada excepcional no reinado de Ramsés II. Como aponta Cannuyer, o faraó teria se casado com pelo menos quatro princesas estrangeiras, mas nenhuma delas foi representada nas fontes egípcias que possuímos acesso como “Esposa Real”, como no caso de Maat-Hor-Neferu-Ré. Da mesma forma, nenhuma outra princesa

<sup>10</sup> No original: “The daughter of the great chief of Hatti journeyed to Egypt, and the army, chariotry and the noblemen of His Majesty followed her – they being mixed with the army and the chariotry of Hatti, (...); and his chariotry and all the people of the land of Hatti mixed with the (people of) Egypt. They ate and drank together and they were as one, like brothers, without disliking one another, with peace and brotherhood between each other like the way of the God himself, (namely) the King of Upper and Lower Egypt, **Usermare Setepenre**, Son of Re, Lord of Appearances, **Ramesses II, beloved of Amun**, given life.”

<sup>11</sup> Conf. AL 1: 77.2680; AL 2: 78.2670; AL 3: 79.1954.

asiática que se casou com outros faraós anteriormente ao longo do curso da história egípcia conseguiu esse título (CANNUYER, 2010, p. 96). É necessário ressaltar que o título de “Esposa Real” não foi exclusivo de Maat-Hor-Neferu-Ré durante o reinado de Ramsés II quando pensamos nas rainhas egípcias nativas. Nefertari, outra esposa real do mesmo faraó e egípcia nativa, também possuiu o mesmo título.

Além disso, é significativo que o título da princesa hitita como “Filha do Grande Governante de Hatti” esteja inscrito na estela. É possível interpretá-lo não apenas como uma marca da origem estrangeira de Maat-Hor-Neferu-Ré, mas também como uma forma de consideração ao reino de Hatti. Este caso é bastante relevante, uma vez que não foi até então encontrado outro caso análogo sobre essa questão de forma equivalente (CANNUYER, 2010, p. 95).

Nas correspondências em que foram feitas as negociações do matrimônio, Ramsés II (em resposta a uma carta de Puduhepa) havia prometido que a princesa teria um status de rainha, superior à de suas outras esposas de origem estrangeira. A rainha havia insistido anteriormente para que o faraó não confinasse sua filha em um harém, onde ela não teria possibilidade de manter o contato com sua família e seu país de origem, como havia ocorrido com uma princesa da babilônia. Ramsés replica que o rei da Babilônia não era um “Grande Rei”, ao contrário do rei hitita, e que, portanto, a princesa hitita teria um tratamento mais honrável (BECKMAN, 1996, pp. 125-131).

Ao analisar o texto principal desta forma nos é permitido apreender o processo de significação de sua estrutura, entendendo as maneiras de significação não só do texto como um todo, mas de termos específicos, relacionando-os com seu contexto externo, com os elementos culturais, históricos e antropológicos da relação egípcia com o reino de Hatti. Para além de uma pura interpretação textual, a análise de discurso permite visualizar as tensões e conflitos presentes no texto de maneira mais ampla e contextualizada.

Já a análise iconográfica nos possibilita compreender uma outra dimensão narrativa da estela. A imagem quando analisada em conjunto com seus elementos simbólicos, históricos e culturais é enriquecida do ponto de vista da análise documental. Ademais, a análise da estela

A *dualidade* da representação de Ramsés II e dos hititas na Estela de Casamento – A relação do Egito com o reino de Hatti no século XIII a.C

considerando tanto seu aspecto imagético quanto textual nos concede uma visão mais unificada das mensagens do documento, ampliando o horizonte simbólico e interpretativo da fonte egípcia.

### **Considerações finais**

A Estela de Casamento nos permite compreender um pouco da complexidade da relação de Ramsés II com os hititas e sobre como a representação dela e do evento matrimonial que consolidou a aliança entre as duas cortes são igualmente complexas e multifacetadas. A *dualidade* da representação do faraó e do reino de Hatti está relacionada com a excepcionalidade histórica da relação entre os dois reinos. Esta, previamente conflituosa com disputas territoriais e militares na qual os faraós nem sempre conseguiram se sobrepor, passou para uma em que foi estabelecido um tratado de paz (excepcional também do ponto de vista hitita, já que Hattusili III procurou aliança e reconhecimento por parte de outros reinos para legitimar sua usurpação do trono de Hatti).

Procurando manter a tradição da representação egípcia de superioridade em relação aos outros reinos e ao mesmo tempo conciliar com o Tratado Eterno e igualitário com Hatti, a Estela de Casamento é uma exceção e adaptação da representação faraônica nas fontes egípcias. Ao mesmo tempo em que ela procura manter a tradicional visão de supremacia faraônica no que se refere ao exterior, ela faz algumas concessões em permitir um lugar de destaque ao reino hitita na sua relação com Ramsés II. A partir dela, podemos compreender uma série de questões sobre as formas de projeção do Egito e de reinos externos quando havia entre eles um acordo de paz e igualdade na própria cultura material egípcia.

### **Aparatos Técnicos**

[...] – Texto perdido ou restaurado pelos autores consultados.

(...) – Palavras adicionadas para uma melhor compreensão na tradução.

|...| – Número da linha do texto da estela marcado nas traduções.

Palavras em negrito – Nomes e títulos inscritos em cartuchos reais.

### Abreviações

AL 1: MEEK, Dimitri. *Année Lexicographique – Égypte Ancienne, Tome 1* (1977), 2ª Ed. Paris: Cybele, 1998.

AL 2: \_\_\_\_\_. *Année Lexicographique – Égypte Ancienne, Tome 2* (1978), 2ª Ed. Paris: Cybele, 1998.

AL 3: \_\_\_\_\_. *Année Lexicographique – Égypte Ancienne, Tome 3* (1979), 2ª Ed. Paris: Cybele, 1998.

### Referências bibliográficas

BECKMAN, Gary. *Hittite Diplomatic Text*. Georgia: Scholars Press, 1996.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do discurso*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.

BRYCE, Trevor. "Hatti and the World of International Diplomacy: The Reign of Hattusili III (c. 1267-1237)". In: *The Kingdom of the Hittites*. Nova York: Oxford University Press, 2005, pp. 267-294.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular – História e Imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.

CANNUYER, Christian. "Le grand «mariage hittite » de Ramsès II et son empreinte dans la mémoire égyptienne". In: BIETTLOT, S.; KLOCK-FONTANILLE, I.; MESHOUB, K., *Identité et Altérité Culturelles – Le cas des Hittites dans le Proche-Orient ancien*. Bruxelas : Éditions Safran, 2010, pp. 87-103.

DAVIES, Benedict G. *Egyptian Historical Inscriptions of the Nineteenth Dynasty*. Jonsered: Paul Aströms förlag, 1997.

DOYLE, Noreen; WILKINSON, Richard H. "Between Brothers: Diplomatic Interactions". In: *Pharaoh's Land and Beyond: Ancient Egypt and its neighbors*. Nova York: Oxford University Press, 2017, pp. 79-92.

FISHER, Marjorie. "A Diplomatic Marriage in the Ramesside Period – Maathorneferure, Daughter of the Great Ruler of Hatti". In: COLLINS, B. J.; MICHALOWSKI, Piotr (Eds.). *Beyond Hatti – A Tribute to Gary Beckman*. Atlanta: Lockwood Press, 2013, pp. 75-120.

HOFFNER JR., Harry A. *Letters from the Hittite Kingdom*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2009.

A *dualidade* da representação de Ramsés II e dos hititas na Estela de Casamento – A relação do Egito com o reino de Hatti no século XIII a.C

GORDON, Andrew H. *The context and meaning of the ancient Egyptian word inw – From the Proto Dynastic Period to the end of the New Kingdom*. Berkeley: University of California, 1983.

KITCHEN, K. A. *Pharaoh Triumphant: The Life and Times of Ramesses II, King of Egypt*. Inglaterra: Aris & Phillips LTD., 1982.

\_\_\_\_\_. *Ramesside Inscriptions: Historical and Biographical*, Vol. II. Massachusetts: Blackwell, 1979.

\_\_\_\_\_. *Ramesside Inscriptions: Translated and Annotated*, Vol. II. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1996.

LIVERANI, Mario. *Antigo Oriente Próximo – História, Sociedade e Economia*. São Paulo: Edusp, 2016.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. “Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares”. In: *Revista Brasileira de História*, v. 23, nº 45. São Paulo, 2003, pp. 11-36.

\_\_\_\_\_. “História e Imagem: iconografia/iconologia e além”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2012, pp. 243-262.

MIEROOP, Marc Van De. *The Eastern Mediterranean in the Age of Ramesses II*. Reino Unido: Blackwell, 2007.

OBSOMER, Claude. *Les Grands Pharaons: Ramsès II*. Paris: Pygmalion, 2012.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*, 4ª Edição. Campinas: Pontes, 2012.

PETERS-DESTÉRACT, Madeleine. *Abou Simbel – À la gloire de Ramsès*. França: Éditions du Rocher, 2003.

PFOH, Emanuel. *Syria-Palestine in the Late Bronze Age – An anthropology of politics and power*. Devon: Routledge, 2016.

PODANY, Amanda H. *Brotherhood of Kings – How international relations shaped the Ancient Near East*. Nova York: Oxford University Press, 2010.

RAINEY, Anson F. *The El-Amarna Correspondence – A New Edition of the Cuneiform Letters from the Site of El-Amarna based on Collations of all Extant Tablets*, Volumes I e II. Leiden: Brill, 2015.

REDE, Marcelo. “História e Cultura Material”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.), *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2012, pp. 133-150.

\_\_\_\_\_. “Relações internacionais, diplomacia e direito na antiga Mesopotâmia”. In: *Phoenix*, 13. Rio de Janeiro, 2007, p. 167-177.

SCOVILLE, Priscila. *Queremos nos amar como irmãos: Uma análise historiográfica das cartas de Amarna e das relações entre Egito e Mitani entre c. 1390-1336 AEC*. Curitiba: Biblioteca de Ciências Humanas e Educação – UFPR, 2017.

SETERS, John van. "A Historiografia Egípcia". In: *Em Busca da História: Historiografia no Mundo Antigo e as Origens da História Bíblica*. São Paulo: Edusp, 2008, pp. 143-201.

SHAW, Ian (ed.). *The Oxford History of Ancient Egypt*. Nova York: Oxford University Press, 2000.

SILVA, Maria A. S. M. "Sobre a Análise do Discurso". In: *Revista de Psicologia da UNESP*, Vol. 4, No 1, 2005, pp. 16-40.

VAN DIJK, Jacobus "The Amarna Period and the Later New Kingdom (c. 1352-1069 BC)". In: SHAW, Ian (ed.), *The Oxford History of Ancient Egypt*. Nova York: Oxford University Press, 2000, pp. 263-307.

## Imagens

Imagem 1: *A Estela de Casamento (Abu Simbel)*. General Research Division, The New York Public Library. "Neues Reich. Dynastie XIX. Abusimbel [Abû Sunbul]: a. Felsenstele links neben dem grossen Tempel; b. Basis einer Statue." New York Public Library Digital Collections. Acesso em: 26 jan. 2019. Disponível em: <http://digitalcollections.nypl.org/items/510d47d9-59d7-a3d9-e040-e00a18064a99>. Domínio público da Biblioteca Pública de Nova York (NYPL ID: b14291191).

Imagem 2: *Planta do Grande Templo de Ramsés II (Abu Simbel)*. Autoria própria, baseada nas informações e nas plantas da obra *Abou Simbel – À la gloire de Ramsès* (PETERS-DESTÉRACT, 2003, *passim*).